

Baudelaire, Benjamin e o Decadentismo

Eduardo Horta Nassif Veras

UFMG

Resumo: Após breve discussão acerca do conceito de Decadentismo, o artigo busca analisar suas repercussões na obras de Charles Baudelaire e Walter Benjamin. O centro do debate cabe à noção de história extraída da poesia baudelaireana e cotejada com aquela apresentada por Benjamin em seus ensaios, especialmente em “Sobre o conceito de história.” O trabalho pretende demonstrar, finalmente, que a concepção de tempo/história dos autores estudados mantém muitas afinidades e um contato estreito com a visão decadentista de mundo.

Palavras-chave: Baudelaire. Benjamin. Decadentismo. História.

O século XIX entrou para a história como o século do progresso. O otimismo *belle époque*, diante dos avanços tecnológicos e da conseqüente melhoria das condições materiais, reivindica para si o direito de representar o estado de espírito daquele século, que amanheceu como uma promessa, após 1789. Paralelamente a esse novo mundo, havia, porém, um sentimento clandestino de desconfiança e pessimismo, que rondava principalmente as grandes metrópoles. A partir especialmente da segunda metade do século, alguns dos grandes artistas da época já prenunciavam o cansaço e a sensação de um mundo em decomposição¹ que, mais tarde, seriam os fundamentos de uma corrente estética e filosófica conhecida como Decadentismo.

O imaginário da decadência, como se sabe, não é novo. Um dos mitos fundamentais de nossa cultura é o da Queda do Homem e sua expulsão do Paraíso. O mito transmitido no Livro de Gênesis, que inspirou milhares de obras no ocidente e serviu de modelo para a compreensão de diversos momentos da história, sugere que a condição humana, pelo menos na Terra, é, *a priori*, decadente. Essa noção, digamos, essencialista, de decadência, marcou, além de boa parte da tradição cristã, o pensamento de filósofos como Schopenhauer,² que pode ser tomado como um dos dois pilares do Decadentismo oitocentista, pois, como observa Fúlvia Moretto, sua influência

É o substrato de um pessimismo total e absoluto, baseado no mal que é a vontade de viver, mas que traz também a resolução do impasse no estado estético, na contemplação desinteressada da arte, prazer puro, liberto das paixões, o único capaz de trazer felicidade.³

A própria história do século XIX funciona como o outro pilar do movimento decadentista. A “vaga ideia de algo que morre, de um mundo em decomposição”⁴ é fruto, também, de uma experiência histórica específica: o avanço do capitalismo e da sociedade burguesa. Conforme mostrarão mais tarde os principais pensadores da sociedade capitalista, a lógica do capital logrou transformar profundamente a mentalidade e os padrões de comportamento da sociedade moderna. Tais transformações atingiram evidentemente a arte em geral e, mais especificamente, a literatura.

Charles Baudelaire pode ser considerado a consciência desse tempo, “figura central do século XIX e ponto de partida do movimento decadentista.”⁵ É a voz que testemunhou a decomposição de um mundo mais afeito à poesia lírica e as agonias do poeta no novo mundo, em que as condições de receptividade da Lírica são completamente outras, conforme escreveu Walter Benjamin:

O público se torna mais esquivo mesmo em relação à poesia lírica que lhe fora transmitida do passado. O período em questão pode ser fixado a partir do meio do século dezenove. Nesta mesma época se propagou, sem cessar, a fama de *As Flores do Mal*. O livro, que contara com leitores sem a mínima inclinação e que, inicialmente, encontrava bem poucos propensos a compreendê-lo, transformou-se, no decorrer das décadas, em um clássico, e foi também um dos mais editados.⁶

O interesse de Benjamin pela poesia de Baudelaire parte dessa constatação de que o autor de *As Flores do Mal* é uma espécie de profeta das condições de existência da poesia e do poeta na modernidade capitalista. O estudo da obra de Baudelaire parece ser, para o filósofo alemão, o melhor caminho para a compreensão daquelas transformações que caracterizaram a sociedade moderna. Nesse sentido, encontram-se em Benjamin o filósofo e o crítico literário. Uma passada de olhos pela obra benjaminiana não dedicada à poesia de Baudelaire não terá dificuldades em perceber a profunda influência do poeta francês - ou ainda, da leitura do poeta francês - sobre o filósofo. É nesse ponto que se explica, por exemplo, a presença do sentimento tão baudelairiano de decadência em ensaios como “O narrador” e “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

Na leitura que Benjamin faz de Baudelaire, destacam-se dois elementos típicos do Decadentismo: a consciência do fim de um mundo e a visão do poeta como opositor ao novo mundo. Os dois pontos podem, no contexto da obra de Benjamin, ser

explicados em termos históricos. Trata-se da desintegração da tradição, tema tratado por ele em diversos ensaios. Em reflexões análogas aquelas apresentadas em “O narrador”, Benjamin discute, em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, a noção de *experiência*, estritamente relacionada à noção de tradição, e sua atrofia no mundo moderno. Baudelaire aparece, então, como uma consciência privilegiada desse “desmoronamento da experiência.”⁷

Além da consciência histórica, outra característica do Decadentismo ajuda a definir o poeta moderno: sua combatividade. Em Benjamin, essa questão é discutida no ensaio “Paris do Segundo Império”,⁸ dedicado a Baudelaire. A partir de Baudelaire, a poesia lírica é vista como resistência, como negação, como rejeição à lógica da mercadoria e aos dominadores. Num texto programático do movimento decadentista, Verlaine explica

que [o Decadentismo] é uma literatura que resplandece em templo de decadência, não para seguir os passos de sua época, mas exatamente ‘às avessas’ para insurgir-se contra, para reagir pela delicadeza, pela elevação, pelos refinamentos, se quisermos, de suas tendências, contra a insipidez e as torpezas, literárias e outras ambientais (...).⁹

Nesse sentido, Benjamin parece compreender, por exemplo, o satanismo baudelairiano, presente na seção de *As Flores do Mal* intitulada *Revolta*: “O satanismo de Baudelaire não deve ser tomado demasiadamente a sério. Se tem algum significado, é como a única atitude na qual Baudelaire era capaz de manter por muito tempo uma posição não-conformista.”¹⁰

Uma pergunta feita por Benjamin nesse mesmo ensaio sobre Baudelaire nos coloca diante da outra dimensão do Decadentismo baudelairiano: aquela definida no início deste artigo como *essencialista*. Com efeito, a abordagem histórica não é capaz de esgotar a complexidade da poesia de Baudelaire. E Benjamin parecia ter consciência disso. Refletindo sobre aquela seção *d’As Flores do Mal* intitulada *Revolta*, Benjamin se pergunta: “O que terá forçado a Baudelaire a dar uma forma teológica radical à sua rejeição aos dominadores?” A resposta talvez esteja na concepção baudelairiana de arte, segundo a qual o belo se compõe de duas faces: uma eterna e invariável; outra relativa, circunstancial. A evocação de figuras mitológicas e bíblicas no tratamento dado por Baudelaire a questões históricas parece ser fruto dessa concepção de arte. O eterno, plasmado arquetipicamente nessas figuras, parece se realizar tipologicamente no tempo,

sugerindo a existência de uma correspondência entre os planos ideal e histórico. Os termos dessa correspondência não são nada claros. Refletindo sobre o assunto, Benjamin observou que essa correspondência deve ser buscada nos poemas de *As Flores do Mal* e apresenta uma interessante leitura do poema *O Cisne*. Nessa análise, Benjamin parece se aproximar da noção de decadentismo essencialista quando ensaia uma explicação para o que chama de “símbolos vivos” e “símbolos históricos” no poema. Segundo ele, “O traço comum aos dois é a desolação pelo que foi e a desesperança pelo que virá. Nessa debilidade, por último e mais profundamente, a modernidade se alia à antiguidade.”¹¹

Benjamin, entretanto, não desenvolve a reflexão sobre a correspondência, por ele chamada de interpenetração, entre modernidade e antiguidade na obra de Baudelaire. Avançando a partir desse ponto, quer nos parecer que na poética baudelaireana predomina um modelo tipológico de pensamento e que esse modelo, aparentemente estático e anti-histórico, aponta, paradoxalmente, para a dinamicidade essencial da vida e para a conseqüente impossibilidade de superação do tempo.

Segundo Northrop Frye,

A tipologia é uma figura de linguagem que se move no tempo: o tipo existe no passado, o antitipo no presente; ou aquele no presente e este no futuro. A tipologia, enquanto modo de pensar, é na verdade uma teoria da história, ou mais precisamente do processo histórico: isto ela tanto pressupõe quanto sugere. Ela assim supõe haver algum significado ou fim na história, e que mais cedo ou mais tarde algo ocorrerá, algum evento ou eventos que mostrarão este significado ou fim e assim tornar-se-ão o antítipo do que aconteceu no passado.¹²

A correspondência entre esses tipos do passado e antitipos do presente é uma marca da poesia de Baudelaire, basta que se enumerem as diversas referências mitológicas e bíblicas feitas em sua obra. É importante observar que, ao reunir essas figuras em seus poemas, Baudelaire não o faz como um poeta clássico ou cristão. Seu interesse parece ser imagético ou arquetípico, algo próximo daquilo que entendemos por tipológico. Conforme escreve Frye, esse modo de pensar pressupõe ou aponta para uma espécie de filosofia da história, algo difícil de conceber em um poeta moderno, à primeira vista.

Se a tipologia cristã pressupõe um universo transcendente, em Baudelaire a tipologia é estética, ou ainda, poética. Satan, Caim e Pedro são arquétipos poéticos, são imagens.

Com efeito, em Baudelaire, a convergência entre o eterno e o temporal, nos leva a pensar numa espécie de mitificação da história. Exemplos claros desse processo são a convivência entre aquelas tantas figuras mitológicas e personagens do presente, o mendigo, a prostituta e o operário da Paris oitocentista, por exemplo. Se insistirmos na idéia de tipologia, somos obrigados a corrigir a noção tradicional, cristã, e definir a tipologia baudelairiana como uma tipologia horizontal, na qual as imagens se correspondem, sem distinção hierárquica, com o objetivo de, como veremos, revelar o sentido oculto do devir: o próprio devir e a decadência.

Não fosse assim, teríamos em Baudelaire um poeta romântico como os outros. Sua obra, entretanto, representa a destruição do ideal de Totalidade caro ao Romantismo. Em Baudelaire, o universo se esvazia e a transcendência se torna impossível, em contraposição ao cristianismo e à metafísica românticos. O crepúsculo do romantismo é tematizado no soneto *Le coucher Du soleil romantique*, em cuja terceira estrofe se lê:

Mais jê poursuis em vain Le Dieu qui se retire;
L'irrésistible Nuit établit son empire,
Noire, humide, funeste et pleine de frissons;¹³

Quer nos parecer que esse universo esvaziado da presença evocada nos primeiros versos - *Que le soleil est beau quand tout frais Il se leve,/Comme une explosion nous lançant son bonjour!*¹⁴ -, a presença de Deus, de um fundamento metafísico aponta justamente para a impossibilidade de se transcender a história e, portanto, sugere sua elevação de contingência à essência ela mesma. Se há uma resposta à mão para a pergunta de Benjamin acerca da forma teológica das reflexões baudelairianas, ela se encontra, conforme acreditamos, na ideia segundo a qual a história se torna o fundamento de si mesma, ou seja, o movimento, o devir, como dissemos, torna-se o fim – enquanto na filosofia clássica da história, funcionava como um meio de ligação entre os pólos da Criação divina.

Em “O pintor da vida moderna”, Baudelaire alerta

Ai daquele que estuda no antigo outra coisa que não a arte pura, a lógica e o método geral. De tanto se enfrontar nele, perde a memória do presente; abdica do valor dos privilégios fornecido pela circunstância, pois quase toda a nossa originalidade vem da inscrição que o *templo* imprime às nossas sensações.¹⁵

Se o poeta entende realmente por arte antiga, ao que tudo indica, o mesmo que arte clássica, não simplesmente a arte do passado, mas arte da Antiguidade, temos aqui uma pista para uma compreensão do eterno em Baudelaire. Ora, os clássicos se diferenciam dos românticos justamente por empregarem um procedimento de criação baseado na universalidade da cultura dita clássica, cuja matéria encontra-se nos mitos. Uma reflexão aprofundada sobre a questão da convergência entre antiguidade e modernidade, entre o histórico e o eterno em Baudelaire deve passar pelo emprego dos mitos ocidentais na sua poesia como imagens da história. Na contramão da ideia de progresso, que aponta para uma noção linear de história; em Baudelaire, a história parece se repetir como ruína, como decadência. Ao se mitificar, ao se cristalizar, através do olhar – moderno, sempre moderno – sobre o presente, o histórico se universaliza como decadência – a única essência possível da história.

Nesse sentido, o soneto *Le coucher Du soleil romantique* pode ser tomado como um poema metapoético, uma vez que nele se elucida, ainda segundo nossa leitura, a circunstância filosófica de Baudelaire: o esvaziamento do céu e a impossibilidade de transcendência. “A modernidade é, assim, consciência do presente como presente, sem passado nem futuro; ela só tem relação com a eternidade”, escreve Compagnon em seu estudo sobre os paradoxos da modernidade.¹⁶ A modernidade de Baudelaire não é, nem a completa negação do eterno e o mergulho no devir, nem a mera realização histórica das figuras ideais da Antiguidade. A modernidade baudelairiana é tudo o que pode haver e, por isso, não é imitação de um “tempo” metafísico, mas a própria essência da história – a temporalidade insuperável, que, mais tarde, será o mote principal da poesia de Mallarmé, que constatará a impossibilidade de abolição do acaso.

Se o crítico Walter Benjamin, apesar de ter identificado o problema, não se aprofunda na questão do eterno na história, o filósofo parece discutir mais de perto essa questão nos outros ensaios - não dedicados ao poeta francês. É o que ocorre em “Sobre o conceito de história.” Nesse ensaio, a visão de história caracteriza-se pela crítica à noção de progresso: “A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha num tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia de progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha.”¹⁷ Para Benjamin, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”.¹⁸ Paralelamente à noção de história subjacente à poesia de

Baudelaire, provavelmente até influenciada por ela, a noção de história como sucessão de presentes desligados no plano linear em Benjamin parece relacionar-se com o conceito de Decadentismo, não apenas em sua acepção historicista, como parece reinar no contexto de pensamento de um filósofo materialista, mas também, inusitadamente, em sua acepção essencialista, ainda que, como vimos em Baudelaire, trate-se de um essencialismo sem transcendência.

A complexidade da poesia de Baudelaire e da obra de seus críticos, em especial a de Walter Benjamin, explica-se, assim, no nosso entendimento, pela complexidade da visão decadentista da história presente no poeta francês. Uma leitura aprofundada de sua poética deve, portanto, considerar as intrincadas relações entre o temporal e o eterno, entre o ideal e o histórico em sua poesia. E a crítica tem via de regra abordado essas linhas de força em paralelo e raramente em sua convergência. Apesar de sua vinculação à tradição marxista, Benjamin não negligencia a questão. Ainda que de modo implícito e disseminado em seus diversos ensaios – em especial naqueles em que Baudelaire é influência e não objeto de estudo – o filósofo é capaz de sugerir um caminho para uma reflexão sobre o conceito de história na obra o poeta.

Resumen: Tras una breve discusión sobre el concepto de “Decadentismo”, el artículo pretende analizar sus repercusiones en la obra de Charles Baudelaire y Walter Benjamin. El centro del debate es la noción de historia entresacada de la poesía baudelairiana y cotejada con aquella presentada por Benjamin en sus ensayos, especialmente en “Sobre el concepto de historia”. El trabajo pretende señalar, por último, que la concepción de tiempo/historia de los autores tiene mucha afinidad y un contacto estrecho con la visión decadentista del mundo.

Palabras-clave: Baudelaire. Benjamin. Decadentismo. Historia.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. IN: BAUDELAIRE, Charles. Poesia e prosa: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. IN: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORETTO, Fulvia M. L. (org) *Caminhos do Decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

Notas

¹ MORETTO. *Caminhos do Decadentismo francês*.

² É importante ressaltar, ainda que precocemente, nessa altura da reflexão, as afinidades de Baudelaire com o pensamento de Arthur Schopenhauer. Observe-se, por exemplo, a valorização da arte como forma de superação da vontade cega e contato com a felicidade – tais idéias são bastante análogas a algumas noções baudelairianas, como as de paraísos artificiais e despersonalização poética.

³ MORETTO. *Caminhos do decadentismo francês*, p. 19.

⁴ MORETTO. *Caminhos do decadentismo francês*, p. 14.

⁵ MORETTO. *Caminhos do decadentismo francês*, p. 28.

⁶ Cf. BENJAMIN. *Um lírico no auge do capitalismo*, p. 104.

⁷ BENJAMIN. *Um lírico no auge do capitalismo*, p. 135.

⁸ Cf. BENJAMIN. *Um lírico no auge do capitalismo*.

⁹ MORETTO. *Caminhos do decadentismo francês*, p. 115.

¹⁰ BENJAMIN. *Um lírico no auge do capitalismo*, p. 19.

¹¹ BENJAMIN. *Um lírico no auge do capitalismo*, p. 81.

¹² Cf. FRYE. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*, p. 110.

¹³ "Mas eu persigo em vão o Deus que ora se ausenta;/A irresistível Noite o seu ímpeto assenta,/Úmida, negra, erma de estrelas ou faróis;" (Trad. Ivan Junqueira)

¹⁴ "Quão belo é o sol quando no céu se ergue risonho,/E qual uma explosão nos lança o seu bom-dia!" (Trad. Ivan Junqueira)

¹⁵ Cf. BAUDELAIRE. *Poesia e prosa*, p. 861.

¹⁶ COMPAGNON. *Os cinco paradoxos da modernidade*, p. 25.

¹⁷ Cf. BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 229.

¹⁸ BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*, p. 229.